Jornal da Esquerda Marxista - Ano V - Edição 41 - De setembro a outubro de 2011

Luta de Classes

Pela reconstrução da 4º Internacional

IMPRENSA OPERÁRIA R$ 4,00

"A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores" (Karl Marx)

Europa e EUA em crise: Perspectivas para o Brasil

Leia na pág 08

A Greve Geral na Itália evidenciou a combatividade dos trabalhadores na luta por seus direitos que estão sendo arrancados pelo capitalismo que agoniza mas não cairá sem a ação consciente e revolucionária do proletariado organizado enquanto classe.

EDITORIAL
Dilma e o alinhamento com o imperialismo
págs. 3

SINDICAL
CUT: construindo um plano de lutas
pág. 19

CAMPANHA
Vem aí a campanha financeira de final do ano
pág. 20

www.marxismo.org.br

QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?

A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em "raças". E com a Juventude Marxista – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

O Sindicato dos Trabalhadores Vidreiros do Estado de São Paulo está preparando o seu VII Congresso

Wanderci Bueno
wanderci.bueno@gmail.com

Os vidreiros realizarão nos dias 21, 22 e 23 de novembro, em sua Colônia de Férias, na Praia Grande, o seu VII Congresso.

A sua pauta inclui o debate sobre Conjuntura Internacional e Nacional, Plano de Lutas e Mudanças no Estatuto da entidade.

Durante o ano de 2011 a atual direção do sindicato realizou centenas de mobilizações em várias fábricas, greves, distribuindo dezenas de Boletins e Jornais. A democracia operária se expressou permanentemente na realização das Assembleias. A categoria conseguiu vários ganhos salariais e em PLRs.

Com o aprofundamento da crise mundial e particularmente com sua aproximação de entrada no Brasil, a construção civil e a indústria automotiva sofrerão mais imediatamente seus nefastos efeitos, o que afetará diretamente o setor vidros.

Este VII Congresso deve se debruçar sobre o estudo destas questões e preparar a categoria para grandes mobilizações, fortalecendo o chamado da CUT na defesa das conquistas e contra o conchavo do governo com os patrões, o que passa pela recusa de qualquer pacto e aliança com a patronal e pela necessidade de exigir de Dilma que ela rompa com os burgueses.

Espera-se contar com mais de 180 delegados representando a categoria. Os companheiros da Esquerda Marxista estarão lado a lado, ombro a ombro com os demais integrantes da direção do sindicato para ajudar na tarefa de fortalecer a CUT enquanto entidade independente na luta pelo socialismo!

Metalúrgicos do ABC decretam estado de greve

Serge Goulart
serge@marxismo.org.br

Segundo informações da Agencia FEM-CUTSP (Federação Estadual dos Metalúrgicos da CUT/SP) 70 mil metalúrgicos do ABC decidiram ir buscar um acordo coletivo igual ao conseguido pelos metalúrgicos das montadoras, que são multinacionais. Se conquistado um acordo igual isso será uma conquista importante. Mas essa questão coloca dois problemas políticos para a Diretoria do Sindicato do ABC responder:

1- Por que a diretoria dividiu a categoria em duas e primeiro firmou um acordo com as grandes empresas? Ou seja, onde estão localizados os batalhões mais pesados da classe. Seria muito mais lógico e teria mais força discutir unificadamente. E se havia possibilidade de arrancar mais das montadoras, o caminho seria exigir um acordo só, arrastando as outras empresas.

O argumento que um bom acordo em separado com as montadoras ajudaria a "alavancar" um melhor acordo nas outras empresas é fraquíssimo. Afinal, a pressão sobre os outros patrões seria muito maior se as montadoras estivessem concedendo mais e, portanto, querendo evitar uma paralisação. Os outros em sua maioria são ligados, ou fornecedores destas multinacionais que assim seriam obrigadas a irem a reboque.

2- O Problema é que as montadoras concederam o bom acordo firmado por que ele será pago por todo o povo brasileiro e não pelo caixa das multinacionais montadoras. O governo concedeu redução de IPI outra vez para estas multinacionais, mas desta vez ele não foi e não será repassado aos preços, como em 2008 e 2009. Agora esta redução de IPI (impostos para serviços públicos) será repassada aos salários dos metalúrgicos do ABC. Isto se chama cumprimentar os outros com o chapéu alheio e politicamente aparece como um excelente acordo "arrancado" pela combativa diretoria quando na verdade significa que com dinheiro público retira-se os metalúrgicos do ABC de combate nos próximos três anos.

Justamente no período em que a crise deve atingir forte o Brasil, o governo que já anunciou cortes e austeridade (leia-se ataques aos salários, direitos e conquistas) terá muitos problemas para enfrentar.

** Serge é membro do Comitê Central da Esquerda Marxista e da Direção Nacional do PT.*

Boleto de Assinatura. Deposite e envie por carta, e-mail ou entregue a um militante
Nome:_____
Endereço - Rua (Avenida):_____
Nº_____Complemento:_____
Bairro:_____Cidade:_____UF:_____
CEP:_____E-mail:_____
Telefone: (___)_____Cel:(___)_____Data:_____/_____/_____
Agência de origem do depósito: _____ou nº do depósito:_____

ASSINE: LutadeClasses
12 Nºs R$ 48,00 - 12 Nºs solidário R$ 60,00
Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo/SP - CEP: 01020-000; Fone: (11) 3101-8810
Banco do Brasil; Ag: 1196-7; CC: 30759-9; Instituto Marx & Engels de Est. e Pesq. do Trab.
jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

Dilma, o patriotismo e o alinhamento com o imperialismo

Esquerda Marxista

Passou o 7 de setembro e passou junto em Brasília uma marcha contra a corrupção. Dez mil, vinte mil pessoas juntaram-se, passaram e sumiram. Como poeira em um vendaval. A imprensa, depois de anos calada sobre as falcatruas de todos os governos burgueses, ocupa o seu "papel" de guardiã mor e vestal da República, investigando todos os alfinetes e também os contratos, empregados e outros "deslizes" dos ministros. E estes, uma vez que caem regularmente, são esquecidos e também passam como a poeira levantada pelo vendaval que logo depois se levanta para soprar mais e mais forte.

Sim, é preciso dizer em voz alta e clara: são uma vergonha todos esses roubos. Vergonhas que sempre existiram, mas não precisariam existir. A sua origem é clara: a propriedade privada dos meios de produção e o assalto ao Estado, aos recursos acumulados com os impostos, é o assalto às empresas estatais. Agora é a espera do tempo e da vez de privatizarem o Banco do Brasil e Petrobras, as "jóias" da coroa que sobraram - já foram as elétricas, as telefônicas, os aeroportos e portos estão aguardando o tiro de misericórdia. A Vale do Rio Doce foi vendida por um preço bem menor que o lucro por ela obtido em dois anos depois de sua venda.

Enquanto esperam fazem negócios: os contratos de empreiteiras para construção de usinas, de estradas, de ginásios para a Olimpíada, de estádios para a Copa do mundo. E o Ministro Orlando Silva "canta" para os operários pedindo o seu "patriotismo" na hora em que estão em greve. Pois é, em pleno mês da "pátria" os operários entram em greve por medidas bem prosaicas: querem segurança no trabalho, querem ganhar um pouco mais.

Internet

Dilma: afagos em Obama e no imperialismo

Patriotismo? Como assim? Estamos em uma guerra e os operários precisam morrer para defender a pátria? Nada disso, trata-se simplesmente de um Ministro e dirigente do PCdoB que passou para o lado do capitalismo e agora defende o seu lado: o capital contra o trabalho e usa o apelo ao patriotismo como cortina de fumaça.

Ah, esta Copa que não chega! Faltam mil dias e Dilma vai a uma cerimônia com o novo governador de Minas, Anastasia e o antigo, Aécio Neves. Do lado de fora, uma cena que lembra a ditadura militar da qual um dia Dilma foi vítima: a Polícia Militar joga bombas nos professores em greve. Foi demais até para a nossa Dilma: ela recebe no aeroporto, depois da cerimônia, uma comissão de professores. Mas, da reunião, nenhuma promessa concreta, nada para resolver o problema dos professores que exigem apenas que...se cumpra a lei, que paguem o que a lei diz que deve ser pago. E tudo isso depois que vários governadores entraram no STF para dizer que a lei não valia, o STF declarou que valia sim, que existe um piso nacional para os professores. Os governadores dos Estados não pagam, os professores entram em greve, são espionados e apanham da PM. Bela cena, digna da ditadura militar.

Aliás, se os trabalhadores começam a fazer greves em todos os cantos do país, seja nos canteiros de obras de estádios e de usinas, seja nas fábricas, professores em Minas e no Rio, bombeiros no Rio, servidores de universidades federais, os trabalhadores do correio. E o governo se cala. Ou fala bobagem como falou o Ministro do PCdoB. E Dilma, quando não está demitindo algum Ministro que foi pego com a mão na botija, está fazendo atos com governadores do PSDB ou escrevendo cartinhas para o Obama.

Sim, Dilma já pediu que todos os trabalhadores das estatais "moderem" suas reivindicações. O Ministro pede patriotismo. E a inflação volta. A perspectiva de crise ronda o mundo. Greves e manifestações explodem na Itália, na Espanha, na Grécia, em Israel, voltam no Egito. E o Brasil ainda está é bem calmo nesta situação toda. Patriotismo? Calma? E quem paga as contas no final do mês, e quem vai consolar a família cujo pai morreu na obra do estádio? Nem os gols da seleção de futebol, que, aliás, continua jogando mal.

Mas jogando mal mesmo está o PT que em seu congresso passou longe dos problemas do país. Enquanto as greves aumentam, enquanto Dilma se aproxima do PSDB e afaga Obama e o imperialismo, o congresso do PT diz que tudo vai bem e continuamos no rumo certo. Rumo certo? Depois das coligações com o PMDB e outros partidos burgueses, que estão dando em todos estes escândalos, agora se abre caminho para coligação com Kassab (o prefeito de SP) e Bornhausen e Cia e por baixo do pano uma coligação informal com Aécio e Anastasia em Minas (sim, estes mesmos, estes que jogam bombas em professores).

Nesta situação, a Esquerda Marxista saúda o posicionamento da CUT em defesa das greves e contra a repressão, contra a desoneração da folha de pagamentos. Mas este posicionamento tem que se traduzir em um plano de lutas concreto. Frente ao aumento da inflação já passa da hora de retomar a exigência do "gatilho" salarial (correção automática de salários). Isso permitiria unificar todas as lutas e abrir caminho para a satisfação das reivindicações no combate por um governo sem patrões, apoiado na CUT, MST e nas organizações populares. Esse governo só pode ser um Governo Socialista dos Trabalhadores.

O Chile é o caminho

A Une e a Ubes devem seguir o exemplo dos estudantes Chilenos

Internet

Manifestação de estudantes, professores e trabalhadores nas ruas de Santiago.

João Diego Leite*
juandiego.rojo@yahoo.com.ar

POR UM CHILE DIFERENTE

A crise do sistema capitalista e a situação do "direito" à educação no Chile puseram os estudantes e trabalhadores em movimento. Inspirados pelas manifestações da primavera árabe os estudantes chilenos perceberam a possibilidade de fazer um "Chile bem diferente". Eles querem um Chile onde a educação, saúde e os direitos dos trabalhadores e da juventude não sirvam ao lucro dos capitalistas.

A origem das manifestações foi o projeto de lei apresentado em 2010 para debate parlamentar pelo governo do presidente, Sebastián Piñera. O projeto é um ataque ao direito à educação, com a diminuição das aulas de história para aumentar as de matemática e linguagem, aumento salarial aos professores que conseguirem uma pontuação determinada pelo governo, a criação de "60 liceus de excelência" em nível nacional apenas para os melhores alunos, ou seja, para os filhos das pessoas com muito dinheiro.

Apesar do projeto ter sido o estopim para as mobilizações, a educação no Chile é um problema desde o governo de Augusto Pinochet, que chegou ao poder, em 11 de setembro de 1973, após um golpe militar contra o governo de Salvador Allende: ele diminuiu para 3 % do PIB as verbas para educação pública e privilegiou o setor privado. No governo de Allende era destinado integralmente à educação 8,9% do PIB. Além de diminuir as verbas, em 1980, Pinochet criou a Lei Orgânica Constitucional de Educação que municipalizava as escolas públicas da pré-escola ao ensino secundário.

A partir dessa lei criou-se um sistema de subsídio. Surgiram então três tipos de escolas: públicas, depois municipalizadas; privadas subsidiadas e privadas pagas. Ou seja, o sistema de ensino não está voltado para a universalização, mas para o mercado.

As escolas públicas são obrigadas a competir com as privadas, que também recebem verbas públicas. Surgiram no Chile colégios de bairros pobres e colégios de bairros ricos. A educação Chilena com este modelo caminhou para o fim do direito ao acesso à educação pública gratuita e para todos.

AS MANIFESTAÇÕES

É contra esse modelo que a confederação dos estudantes do Chile (Confech) vem organizando milhares de estudantes na luta por uma educação pública gratuita e para todos.

Desde o início das mobilizações a Confech tem sido o principal instrumento de organização dos estudantes que, juntos com os sindicatos dos trabalhadores realizaram uma greve geral em agosto. A greve foi convocada pela Central Única dos Trabalhadores do Chile e pela Confech e paralisou vários setores dos serviços públicos e indústrias.

Essa aliança, operária estudantil foi um sucesso e animou a todos para continuarem na luta contra o governo e pelas reivindicações. Piñera continua irredutível. Embora tenha aberto negociações ele não apresentou nada de novo a não ser a repressão. Isso coloca a necessidade de abrir a luta para por abaixo esse governo que ataca os trabalhadores e a juventude.

O GOVERNO PIÑERA

O governo do presidente Sebastián Piñera é um governo burguês, que não atende aos estudantes. Durante todas as manifestações, ele e seus ministros se negaram a discutir o direito a uma educação pública para todos. Para eles as manifestações são casos de policia.

Essas ações desgastaram muito seu governo. Segundo a consultoria Adimark, Piñera é reprovado por 7 em cada 10 chilenos. Enquanto que 52 % da população estão a favor da forma de luta escolhida pelos jovens.

Isso demonstra o desejo de mudança na classe trabalhadora e na juventude, o que coloca o problema concreto da unidade na ação entre o partido socialista e o comunista, entre a CUT chilena e a Confech, para convocar uma greve geral por tempo indeterminado e por abaixo o governo, abrindo a perspectiva da

>> Continua na próxima página...

Assembleia Constituinte Soberana para por abaixo as leis da ditadura, propiciar uma educação pública e gratuita para todos e garantir os direitos dos trabalhadores que poderiam então avançar na construção do socialismo.

NOSSA UNE DEVE SEGUIR O EXEMPLO DA CONFECH

No dia 31 de agosto a convite do presidente da União Nacional dos Estudantes (Une), Daniel Iliesc, a presidente da Confech, Camilla Vallejo esteve no Brasil. Ela participou do ato em frente ao Banco Central, em uma operação orquestrada entre a UNE e o governo que já havia se reunido com a direção da entidade e a informado que o Banco Central iria reduzir a taxa de juros. A UNE e milhares de estudantes foram para a frente do Banco Central pedir a redução dos juros e 10 % do PIB para educação. Ato insólito em sem maiores consequencias que serviu apenas para jogar fumaça nos olhos dos estudantes, pois os juros seguem altíssimos e nada de 10 % para a educação.

A Une tem toda a razão em apoiar a Confech, mas deve de fato mobilizar para a luta todos os estudantes e não ficar com seus dirigentes dependurados no governo, servindo de amortecedor para as lutas. Os Chilenos desejam o fim do financiamento público para as escolas privadas, que em nosso país significaria acabar com as verbas que hoje são destinadas à educação privada para destiná-las às escolas públicas, aumentando as vagas nas universidades e possibilitando vagas para todos.

A juventude Marxista acredita que as mobilizações no Chile mostram o caminho a seguir. A União Nacional dos Estudantes deveria se espelhar nos estudantes chilenos e de fato exigir verbas públicas para a educação pública!

** João é membro da Coordenação Nacional da Juventude Marxista*

Um primeiro passo para a ampliação de vagas

Daison Colzani*
daisonroberto@gmail.com

O acesso ao Ensino Superior no Brasil é restrito a uma pequena parcela de jovens. Apenas uma pequena fração desta pequena parcela consegue vaga no Ensino Público nas Universidades. A pergunta é: como mudar esta realidade se a construção de novas Universidades pode levar anos e jamais conseguirá, com o atual sistema, suprir a demanda e garantir vagas para todos.

No Brasil existem cerca de 490 instituições de ensino superior que não são públicas e nem privadas, são os chamados "ornitorrincos" jurídicos que não têm dono, são sem fins lucrativos, mas cobram mensalidades. Por outro lado, o Governo Federal anunciou a abertura de novos campi de Universidades Federais e um fluxo cada vez maior de recursos destinados para programas como o PROUNI, destinando verbas públicas para Universidades Privadas.

Ora, se há a intenção do Governo em ampliar as vagas, se o dinheiro existe e temos Instituições de caráter público, mas que cobram mensalidades, porque não Federalizar estas instituições e ampliar de fato o número de vagas no Ensino Superior? Esse seria verdadeiramente um caminho para democratizar o acesso ao Ensino. Mas para isso a presidente Dilma precisaria se livrar dos parasitas burgueses que estão no governo e aplicar outra política, a política que de fato poderia garantir a educação pública e gratuita para todos. Os estudantes dariam todo apoio à presidente.

O SISTEMA ACAFE

Em Santa Catarina temos nas Associações de Fundações o principal exemplo de Instituições que não são públicas nem privadas. Isso se dá por meio do Sistema Acafe, que surgiu na primeira metade dos anos 70, que hoje vive uma crise financeira, com dívida que beira meio bilhão de reais.

As instituições do sistema Acafe têm essa característica peculiar, de ser pública de direito privado, ou seja, no momento de pagar impostos querem ser tratadas como públicas, porém no momento em que cobram as mensalidades dos estudantes são privadas. Prova disso são os reajustes nos últimos dez anos que foram aplicados na Univille (Universidade da Região de Joinville) que chegaram a ser de 17% em um ano. E a dívida é relativa a impostos, o que reafirma a possibilidade de incorporação destas instituições pelo GovernoFederal.

Dentro do Sistema Acafe um dos movimentos mais fortes está em Blumenau/SC onde a comunidade do Vale do Itajaí luta pela Federalização da FURB (Fundação Universidade da Região de Blumenau), e recentemente aconteceram várias manifestações com milhares de pessoas nas ruas reivindicando a incorporação da FURB à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A batalha é dura, mas a população da região tem se mostrado firme e a luta ultrapassou as barreiras da Universidade e é reivindicação da Comunidade.

O movimento é forte e foi recebido no mês de agosto pelo MEC quando a Presidente Dilma esteve na cidade para anunciar a criação de um novo campus da UFSC.

Em Joinville/SC, a Univille tem uma luta histórica pela Federalização da Universidade, e a reivindicação que antes era "sonho" agora começa a avançar, pois a Gestão do DCE que foi eleita em Junho, teve como ponto principal de seu programa a luta pela Federalização, o que demonstra que os estudantes querem uma Universidade Pública e Gratuita na Região. Os primeiros passos foram dados, mas é preciso avançar, a discussão precisa se enraizar na Universidade e expandir-se para toda a região, este papel, no momento cabe à Direção do DCE.

A SOLUÇÃO É FEDERALIZAR

Mas a FURB e a UNIVILLE não são as únicas. Em todo o estado existem focos de luta para que as Universidades do Sistema Acafe sejam públicas e gratuitas. Essa luta não pode ficar somente em Santa Catarina, a federalização destas instituições de origem pública permitiriam a ampliação de vagas no ensino superior.

É preciso por fim às políticas afirmativas, todos têm direito ao Ensino Superior Público e Gratuito. Chega de dinheiro público para os tubarões do ensino. Verba pública é para Universidade Pública. Mas não basta a Universidade é preciso ter políticas de assistência estudantil, para garantir não só o acesso, mas a permanência no ensino superior, só assim todos poderão ter direito pleno a Educação.

Precisamos atacar a raiz dos nossos problemas, precisamos atacar e destruir o Sistema Capitalista, para que todos os nossos direitos sejam garantidos.

Vamos à luta!

** Daison Colzani é presidente do DCE da Univille*

Desemprego da juventude no Canadá:
"O último contratado é o primeiro a ser despedido"

Jessica Cassel

A luta da juventude estudantil e trabalhadora contra o desemprego e contra a precarização dos direitos é a mesma luta de todos os trabalhadores que por meio de suas organizações enfrentam-se ao capital, por suas reivindicações.

No Canadá e no mundo todo, a juventude está sendo insidiosamente forçada a tolerar a sobrecarga da crise capitalista. Enquanto as corporações empresariais de todo o mundo continuam a maximizar seus lucros, os jovens estão sofrendo taxas recordes de desemprego que os empurram à pobreza, à carência de moradias e de educação e a crescentes riscos de violência e conflitos com a lei.

A taxa de desemprego para a juventude entre 15 e 34 anos de idade, no Canadá, alcançou 14,1% em julho de 2011, uma taxa duas vezes mais elevada que a taxa de desemprego global de todos os canadenses. Os jovens também são mais sujeitos do que o restante da população a formas precárias e inseguras de trabalho, temporário ou por tempo parcial, com poucos ou nenhuns benefícios trabalhistas. Além disso, os que estudam têm o desafio de enfrentar os crescentes custos de vida e as absurdas mensalidades escolares, que estão mais de 300% mais elevadas do que há dez anos, criando desafios para nossa jovem geração de trabalhadores.

A posição do governo e dos empregadores indica objetivamente que, para eles, os jovens não merecem ter acesso à educação e a um bom trabalho. Esta posição se tornou cristalinamente clara quando o governo Conservador eliminou o Programa de Colocação de Verão, em 2006. Este programa era uma parceria entre o governo federal e os patrões, em que o governo proporcionava subsídios aos empregadores para contratar os serviços dos estudantes durante o verão. Deve-se registrar que este programa proporcionava emprego a mais de 50 mil estudantes. Subsequentemente, o programa foi reestruturado como Programa de Empregos de Verão do Canadá e sofreu significativos cortes de fundos ao lado de critérios mais restritivos para a concessão do benefício. O resultado foi 25 mil empregos a menos. Claramente, o governo Conservador está se lixando para com o bem-estar de nossa juventude e para com seu acesso a empregos decentes.

Os patrões demonstraram igual indiferença quando se esforçam por explorar os jovens trabalhadores com baixos salários, com menos empregos fixos, com menos ou nenhum benefício trabalhista em relação ao que era antes. Exemplo significativo disto é o sistema de duas camadas que o Canada Post [Empresa de Correios do Canadá] impôs aos seus trabalhadores, e que foi entusiasticamente apoiado pelo governo federal Conservador. Em suma, todos os novos empregados começarão com a taxa mais baixa de salário e com pequenos incrementos de salário, menos e muito pouco adequados benefícios, bem como menos estabilidade. Com a introdução do sistema de duas camadas, todos os atuais empregados temporários viram seus salários reduzidos também. Este é um ataque aos jovens trabalhadores, que são mais propriamente trabalhadores temporários ou que ingressaram recentemente no mercado de trabalho. Canada Post alega que as reduções são necessárias devido ao declínio do volume das correspondências e à diminuição das receitas; contudo, somente há um ano, eles anunciaram um lucro recorde de 281 milhões de dólares canadenses.

Por que os jovens trabalhadores são fritados e privados de salários dignos e bons empregos? Um dos fatores que contribui para isso, em um competitivo e crescentemente especializado mercado de trabalho, os trabalhadores mais velhos são forçados a aceitar empregos com salários mais baixos do que poderiam obter com sua alta qualificação, empregos estes que seriam mais adequados aos trabalhadores mais jovens e aos estudantes. Outro fator nesse sentido é que os trabalhadores mais velhos, ao verem suas aposentadorias e pacotes de benefícios trabalhistas ameaçados, hesitam em se retirar do mercado de trabalho. Ambos os fatores dificultam o acesso dos jovens trabalhadores ao mercado de trabalho. Os trabalhadores que dedicaram a maior parte de suas vidas ao trabalho merecem aposentadorias dignas e os benefícios quando aposentam; assim, não necessitariam trabalhar por mais dez ou vinte anos além da idade aceitável de aposentadoria. Uma boa legislação e uma boa política trabalhista dariam espaço às novas camadas de jovens trabalhadores, de forma a ajudar a aliviar o desemprego juvenil. A luta pelos direitos dos trabalhadores jovens é também a luta pelos direitos dos trabalhadores mais velhos!

No final das contas, tudo o que está acontecendo contribui para aumentar o lucro dos patrões. É benéfico e lucrativo para os patrões mergulhar toda uma geração no desemprego e na pobreza porque isto fará com que esta mesma geração esteja mais disposta (devido à necessidade) a trabalhar em empregos menos seguros e com salários mais baixos. É mais rentável para o governo e para as instituições financeiras mergulhar a nova geração em dívidas para, assim, colher os juros. O desemprego juvenil interessa ao capitalismo – então, devemos nos unir à luta pelo socialismo a fim de lutarmos por melhores empregos e por uma vida melhor!

Internet

Moradores de rua em Quebec

Fonte: Fightback (Canada)
Tradução: Fabiano Adalberto

Amanhã será maior! Lições da vitoriosa ocupação da reitoria da UFF

Flávio Almeida Reis
reis.geografia@gmail.com

Dia 6 de setembro, após 6 dias de ocupação do edifício da Reitoria, o protesto estudantil na Universidade Federal Fluminense terminou vitorioso! Acuado e sem saída, o Reitor Roberto Salles se comprometeu com 80% das reivindicações dos estudantes. Foi uma enorme mobilização que estampou a UFF na primeira página da grande mídia, denunciando a precariedade da expansão do ensino superior federal.

Zulmair Rocha

Estudantes comemoram a vitória conseguida com a ocupação da UFF

O QUE É UMA OCUPAÇÃO DE REITORIA?

Todos sentem a rotina de opressão da sociedade burguesa, mas só em alguns momentos é que o conjunto dos estudantes entra em ação política. Nessas horas em que a paciência se arrebenta, uma Assembleia Geral lotada torna-se impotente para expressar a revolta; nessas horas percebe-se que reclamar dos políticos do Congresso Nacional é algo completamente inútil; chega o momento de FAZER POLÍTICA! Necessidade que faz as ideias passarem à ação direta; com essa vontade os estudantes buscam uma participação mais ativa nas entidades estudantis com o objetivo de construírem seus próprios instrumentos de poder dentro da universidade. As ocupações das reitorias são exatamente isso, um método eficaz que o movimento estudantil desenvolveu para ser ouvido, ocupando com o próprio corpo o espaço da ordem. E anunciando "agora é minha vez de falar o que e como deve ser feito".

A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DO PROTESTO NA UFF

Em cenários de crise, pequenos conflitos podem surgir e se generalizar. No caso da UFF, a surpresa está na reivindicação que desencadeou o processo. Foi um acordo, por parte da Prefeitura de Niterói e da reitoria, de construção de duas vias expressas para beneficiar luxuosos condomínios na orla da Baía de Guanabara. A construção destas vias necessitaria distanciar-se a apenas 8 metros de salas de aula e desalojaria uma pequena comunidade pobre. Contrários a isso, algumas dezenas de alunos decidiram ocupar a reitoria ao fim de agosto junto a outros que tiveram seu laboratório de agroecologia tratorado pelas máquinas da construção civil usadas em obras de novos edifícios. Como eram poucos alunos, a REItoria logo chamou a polícia e os fez encerrar a manifestação sem qualquer diálogo. Porém, no dia seguinte, 31 de agosto, no Conselho Universitário tiveram de enfrentar a ira de 500 estudantes presentes que reivindicavam uma extensa lista de demandas mais. Como não foram atendidos, seguiram para a REItoria e permaneceram acampados 6 dias. Por sua vez, estudantes de todos os campi da UFF do RJ também seguiram para Niterói com suas próprias demandas. Foram dias em que os olhos atentos ao que se passa em Santiago e Sevilla, também observaram a primavera chegar mais cedo em Niterói.

A participação direta dos estudantes foi decisiva. Com centenas durante a ocupação e milhares nos momentos cruciais, eles deixaram as aulas para lutar ombro a ombro ao DCE e aos DA`s. Eles cobraram nada além da obrigação do Estado: Alojamento para os acadêmicos que residem distante da cidade. Em Niterói a obra foi iniciada, mas está longe da conclusão; ampliação do bandejão; gratuidade no ensino, contra a cobrança de taxas na Pós-Graduação; infra-estrutura decente, já que nos campi do interior **há salas e laboratórios precariamente instalados em containers (!)**; admissão de novos professores e servidores etc.

AMANHÃ VAI SER MAIOR!

A heróica luta dos estudantes chilenos já dura 4 meses; os protestos na Grécia já perdeu a conta das greves gerais; os indignados na Espanha; os protestos em Israel; Londres enfrenta um tsunami de lutas; por toda a Europa e o mundo árabe jovens se insurgem pelo direto a um futuro digno. No Brasil os trabalhadores começam a perceber que estão armando uma armadilha contra eles para que paguem a conta de uma crise criada pelos capitalistas. Não podemos aceitar a redução das verbas para a educação como foi feito em 2011 no corte de R$3,1 bilhões enquanto o pagamento de juros da dívida pública devora metade do orçamento.

A batalha para que o PT e Dilma, eleita pelo povo, rompa com os partidos de direta e destine 10% do PIB para a educação pública é uma campanha muito boa para ajudar a organizar a luta estudantil em escala nacional.

Ocupe a reitoria que existe dentro de você e venha fazer parte da Juventude Marxista.

** Flávio é estudante de Pós-Graduação em Geografia – UFF. Militante da Juventude Marxista*

Europa e Estados Unidos em crise: perspectivas para o Brasil

Andrea Comas- Reuters

Em greve geral, em defesa de seus direitos arrancados pela crise os trabalhadores saem às ruas nas cidades espanholas.

"Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte..." Karl Marx

O capitalismo chegou a uma situação de impasse mundial. Nenhum país está isolado desta crise que assola o planeta. A entrada dramática da Noruega, país com melhor nível de vida do mundo, neste cenário com o assassinato de jovens socialistas por um neonazista, só mostra que ninguém está isolado e que ninguém será poupado na convulsiva situação econômica e política que vivemos. É tudo uma questão de prazos e de ritmos. Isto também vale para o Brasil, obviamente. E os sinais já se fazem sentir.

O aprofundamento da crise na Europa e nos EUA terá como consequência um forte impacto nos países dependentes como China, Brasil e outros. A recessão européia e norte- americana provoca uma retração (exportação e produção) na China e por extensão na exportação de commodities brasileiras e argentinas. Isto significa que também a venda de manufaturados brasileiros para a Argentina sofrerá um forte impacto. Uma situação convulsiva varre o mundo e ninguém está isolado dela. O mecanismo que conduziu a esta situação é descrito no Manifesto Comunista que, outra vez, começa a se introduzir no cenário como um fantasma que ronda o mundo: *"A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. A conservação inalterada do antigo modo de produção constituía, pelo contrário, a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. Essa subversão continua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distingue a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas, as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes mesmo de ossificar-se. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.*

Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias primas nacionais, mais sim matérias primas vindas das regiões mais distantes, cujos produtos se consomem não somente no próprio pais mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, nascem novas necessidades que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolve-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material quanto à produção intelectual. As criações intelectuais de uma nação tornam-se propriedade comum de todas. A estreiteza e o exclusivismo nacionais tornam-se cada vez mais impossíveis; das inúmeras literaturas nacionais e locais, nasce uma literatura universal.

Devido ao rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e ao constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente de civilização mesmo as nações mais bárbaras. Os baixos preços de seus produtos são a artilharia pesada que destroem todas as muralhas da China e obriga a capitularem os bárbaros mais tenazmente hostis aos estrangeiros. Sob pena de morte, ela obriga todas as nações a adotarem o modo burguês de produção, constrange-as a abraçar o que ela chama civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo à sua imagem e semelhança". (Manifesto Comunista, 1848).

Levando este processo até os dias de hoje a burguesia sobreviveu adotando sempre medidas de reorganização de seu sistema mediante a destruição de forças produtivas e ampliação da exploração. E na época do imperialismo só sobreviveu e pode adotar estas medidas graças à política traidora dos Partidos Social-democratas (PSs) e dos Partidos Comunistas (Pcs) que por décadas, desde a degeneração stalinista, inúmeras vezes puseram a perder revoluções e incontáveis vezes impediram o proletariado de tomar o poder.

AS CRISES SÃO PARTES INTEGRANTES DO CAPITALISMO, SÓ A REVOLUÇÃO SOCIALISTA PODE ACABAR COM ELAS

Tendo ocupado o mundo, a burguesia está confrontada ao seu destino. Só pode expandir-se através de formas artificiais como a indústria de armamento, mafiossização de todas as relações econômicas, e, portanto, de por em constante risco todo o edifício que ela própria construiu em séculos de luta contra o feudalismo e manteve sobre a base da exploração da força de trabalho do proletariado.

A cada crise, a cada impulso, mais e mais o conjunto da economia capitalista se orienta para a transformação das forças produtivas em forças destrutivas.

Friedrich Engels descreve esta situação como expressão das contradições internas do capitalismo e das quais ele não pode se livrar: *"Desde 1825, data em que explode a primeira crise geral, a totalidade do mundo industrial e comercial, a produção e as trocas do conjunto dos povos civilizados e de seus satélites mais dos bárbaros naufragam uma vez a cada dez anos. Comércio para, os mercados são congestionadas, os produtos estão em tanta quantidade quanto são invendáveis, o dinheiro some, o crédito desaparece, as fábricas param, as massas trabalhadoras não tem os meios de subsistência por ter produzido muitos meios de subsistência, as falências sucedem as falências, os ventos forçados sucedem os ventos forçados. O estrangulamento dura anos, forças produtivas e produtos são dilapidados e destruídos em massa até que as massas de mercadorias acumuladas sejam vendidas com uma depreciação mais ou menos forte, até que a produção e a troca retomem pouco a pouco sua marcha. Progressivamente o passo acelera, passa ao trote, o trote industrial vira galope e esse galope aumenta por sua vez até que se transforma numa corrida de obstáculos completa da indústria, do comércio, do crédito e da especulação, para acabar após os saltos os mais perigosos, por se reencontrar... no buraco da falência. É sempre a mesma repetição. Isso é o que temos vivido cinco vezes desde 1825 e que nós vivemos neste momento (1877) pela sexta vez.* (Anti-During, F. Engels, 1877)". Esta repetição trágica de catástrofes é que conduz a Humanidade inteira em direção à barbárie e só pode ser interrompida pela ação das massas oprimidas e exploradas sob a direção da classe operária organizada por um partido operário revolucionário marxista, por uma verdadeira Internacional operária marxista com influência de massas.

Sobre a base da expansão artificial do crédito, do endividamento privado, da especulação alucinada no mercado financeiro, uma monstruosa crise de superprodução foi gerada nos últimos anos. Esta fuga para a frente, e seu resultado, a crise de superprodução, é a consequência dos esforços da burguesia, como classe, para contrabalançar os efeitos da Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro que se manifestava crescentemente no desequilíbrio cada vez maior entre capital constante e capital variável na indústria. Ou seja, no aumento brutal do capital investido em maquinas, tecnologia e ferramentas e no esforço de esmagamento salarial conduzido através das deslocalizações, terceirizações e das privatizações de serviços públicos e das estatais (salários indiretos conquistados pelo proletariado) e das últimas décadas de esforço para liquidar direitos e conquistas operárias em todo o mundo.

O Capital tem como alma a busca da valorização que só pode ser realizada na morada oculta da produção através da extração da Mais-valia e apropriada pelo Capital com a circulação das mercadorias. Após todas as "Bolhas" chegarem aos seus limites, e iniciarem um processo de implosão em dominó, as burguesias e os governos em todo o mundo dedicaram-se nos últimos anos a transformar dívidas privadas em Dívidas Públicas através do socorro aos grandes bancos e multinacionais da maneira mais escandalosa jamais vista. Esta é a origem do impasse atual e do aprofundamento da crise.

A burguesia, como explica o Manifesto do Partido Comunista, só pode enfrentar estas crises destruindo forças produtivas e aumentando a exploração da força de trabalho: *"As relações burguesas de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que fez surgir gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar as forças internas que pôs em movimento com suas palavras mágicas. Há dezenas de anos, a história da indústria e do comércio não é senão a história da revolta das forças produtivas modernas contra as atuais relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesa e seu domínio. Basta mencionar as crises comerciais que, repetindo-se periodicamente, ameaçam cada vez mais a existência da sociedade burguesia. Cada crise destrói regularmente não só uma grande massa de produtos já fabricados,*

>> Continua na próxima página...

mas também uma grande parte das próprias forças produtivas já desenvolvidas. Uma epidemia, que em qualquer outra época teria parecido um paradoxo, desaba sobre .a sociedade - a epidemia da superprodução. Subitamente, a sociedade vê-se, reconduzida a um estado de barbaria momentânea, dir-se-ia que a fome ou uma guerra de extermínio cortaram-lhe todos os meios de subsistência; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados meios de subsistência, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de quê dispõe não mais favorecem o desenvolvimento das relações de propriedade burguesa; pelo contrário, tornaram-se por demais poderosas para essas condições, que passam a entravá-las; e todas as vezes que as forças produtivas sociais se libertam desses entraves, precipitam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu seio. De que maneira consegue a burguesia vencer essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; de outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? Ao preparo de crises mais extensas e mais destruidoras à diminuição dos meios de evitá-las". (Manifesto Comunista, 1848).

Entretanto, para aplicar esta receita de destruição a burguesia tem que se enfrentar com o proletariado. E, diferente das décadas passadas em que podia contar com a força e a implantação dos partidos operários-burgueses, os PSs e os PCs, para frear e desviar a resistência das massas, isto hoje já não é mais possível. Estes partidos estão desmoralizados e não controlam mais a classe como o faziam no passado. Se ainda recebem seus votos nas eleições (e cada vez menos) é porque a classe trabalhadora não deseja a direita governando. O triste papel de manobrar com as massas e frear seu ímpeto revolucionário está hoje entregue às direções sindicais que, entretanto, tem limitadas margens de manobra e rapidamente se chocam com suas bases já que nada conseguem para oferecer.

Alair Vieira

Professores em greve fazem manifestação em frente a Assembleia Legislativa de Belo Horizonte

As greves gerais e as manifestações magníficas na Europa, as revoluções no Oriente Médio e no Magreb, os 200 mil manifestantes em Israel, são os problemas que a burguesia não sabe como resolver. Mas que a classe operária também não tem como resolver positivamente neste momento. A ausência de partidos revolucionários com influência de massas, a resistência das massas, sua mobilização, e a incapacidade da burguesia em resolver a crise sem ataques provavelmente manterá esta situação convulsiva por muitos anos. É neste caldeirão é que se forjarão os dirigentes e os partidos operários revolucionários com influencia de massa capazes de abrir um caminho para toda a Humanidade. Nunca antes a classe operária precisou tanto de uma verdadeira Internacional revolucionária. Resolver isto é uma tarefa que exige anos de luta e de preparação.

A SITUAÇÃO BRASILEIRA

A situação do Brasil é muito bem definida num editorial do Financial Times, o jornal burguês mais sério com que conta a burguesia imperialista. A rede BBC comenta o artigo: "Em um texto intitulado "Feridas brasileiras", o jornal (Financial Times, nota nossa) compara a economia brasileira a uma bicicleta. *"Ela funciona enquanto estiver em movimento"*, diz o editorial. *"Agora, porém, está ficando mais difícil pedalar."* O jornal observa que o real se valorizou 40% em termos reais desde 2006 e que no mesmo período as importações brasileiras quase dobraram, enquanto as exportações cresceram apenas 5%. A única razão pela qual o déficit em conta corrente brasileiro não explodiu são os altos preços das commodities. "*Mas esse boom pode não durar para sempre*", alerta o jornal.

O editorial comenta ainda que a liquidez em abundância também ajudou a impulsionar o crédito doméstico, mas que os consumidores brasileiros agora parecem estar sobrecarregados, gastando mais que um quarto de suas rendas para o pagamento de empréstimos - nível superior ao verificado nos Estados Unidos no período anterior a crise de 2008. Para o jornal, o crescimento do crédito no Brasil somente pode ocorrer se a renda também continuar a crescer.

"É aí que a bicicleta econômica se depara com a trincheira da guerra cambial", afirma o jornal, observando que "o aumento da renda eleva a demanda e a pressão inflacionária, exigindo o aumento dos juros, que atraem mais capital externo, elevando ainda mais a cotação da moeda, aumentando com isso a atração das importações e prejudicando a competitividade das exportações. O resultado é um déficit em conta corrente mais amplo, e um limite no crescimento exigido nos salários para manter o crédito doméstico crescendo com segurança", diz o jornal.

O editorial conclui dizendo que *"a bicicleta brasileira ainda não está arriscada a parar". "Mas está balançando"*, finaliza o texto. (BBC-Brasil, 08/07/2011)

Nós consideramos que esta imagem da bicicleta é uma boa imagem da atual situação brasileira e a análise aponta para tempos difíceis e para um enfrentamento com o movimento operário.

>> Continua na próxima página...

A QUESTÃO DAS DÍVIDAS

Toda a história brasileira das últimas décadas é a montagem de uma bomba relógio econômica.

Em maio de 2011 a Dívida Externa brasileira total (soma da dívida pública e da dívida "privada") era de US$ 389.438.623.098,14 (389 bilhões, 438 milhões, 623 Mil, 98 dólares e 14 centavos). A dívida "privada" deve ser considerada, pois muitos bancos e empresas nacionais tomam dinheiro emprestado no exterior, não para fazer investimentos produtivos aqui, mas para a compra de títulos da dívida pública interna, que rendem juros mais altos, além disso, os dólares necessários para pagar essas dívidas são, em última análise, fornecidos pelo Banco Central brasileiro aos credores estrangeiros.

De fato, a Dívida Externa está muito longe de estar "paga" como alardeou o governo quando pagou 15 bilhões que devia ao FMI. E a evolução desta dívida mostra que seu crescimento mortal continua, alimentando banqueiros, multinacionais e especuladores. Veja abaixo ao quadro que inicia em plena Ditadura Militar(1971), passa por Sarney (1985-1990), Collor (1990-1992), Itamar (1992-1995), FHC (1995-2003) e Lula (2003-2010), em cujo governo, aliás, a Dívida dá um salto. Todos os dados abaixo sobre Dívida Interna e Externa são do Banco Central do Brasil (Ver quadro 01).

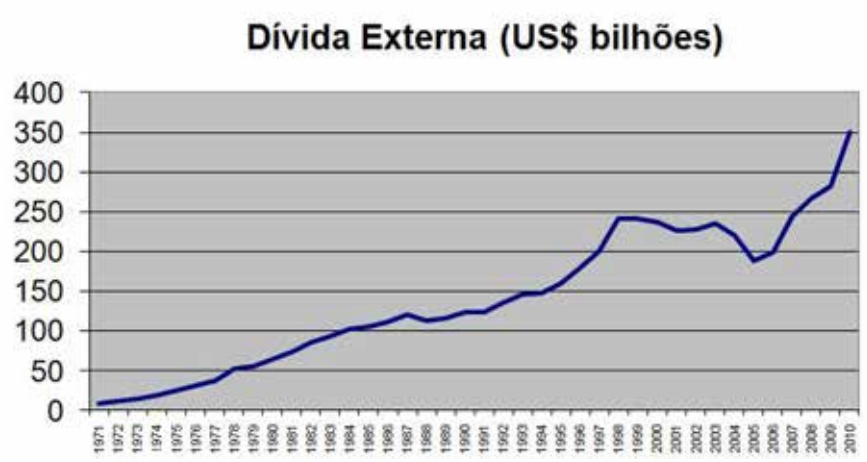
Mas, o mais impressionante (se se leva em conta todo o besteirol da propaganda oficial) é o que se passou, e se passa, com a Dívida Interna. Esta que praticamente não existia em 1994, quando assume FHC é transmitida ao governo Lula em 2003 na casa de 1 Trilhão de Reais. A "criação" desta Dívida Interna decorre diretamente da iniciativa dos EUA de iniciar uma guerra comercial internacional sem quartel com uma política de desvalorização do dólar. Assim, a Dívida Externa brasileira passava a ser desvalorizada também. Ou seja, com a mesma quantia de Reais se pagava muito mais da Dívida que é em dólar. Assim, para que o mercado financeiro não perdesse em todos os países se inicia um movimento de "internalização" da Dívida Externa.

O resultado é assim eles não perdiam em poder de compra e mais, passavam a se beneficiar dos juros absurdos que os governos deviam pagar para atrair cada vez mais capitais internacionais para suas aventuras internas, como a expansão artificial do crédito e a continuidade do pagamento das Dívidas. Assim,

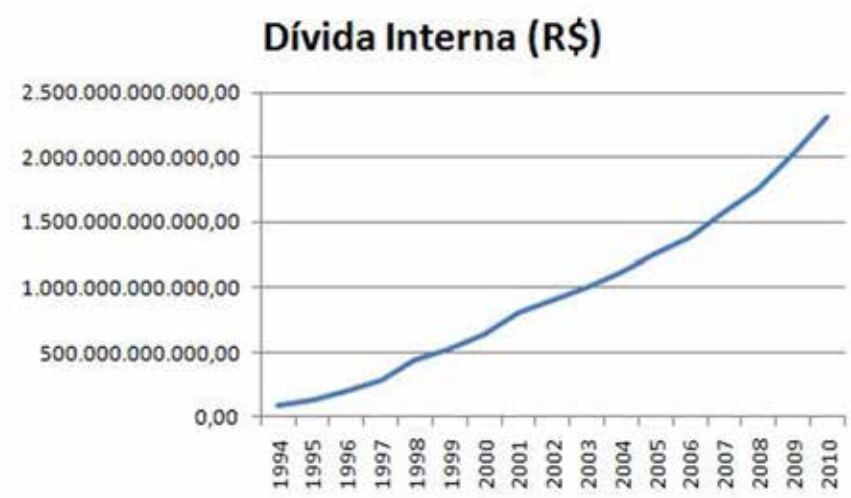
>> Continua na próxima página...

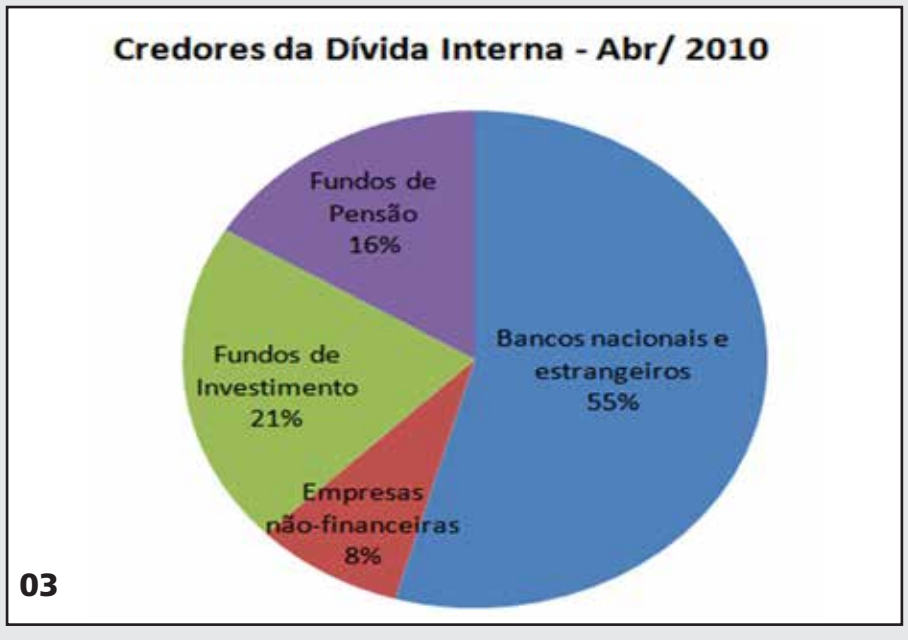
Internet

01

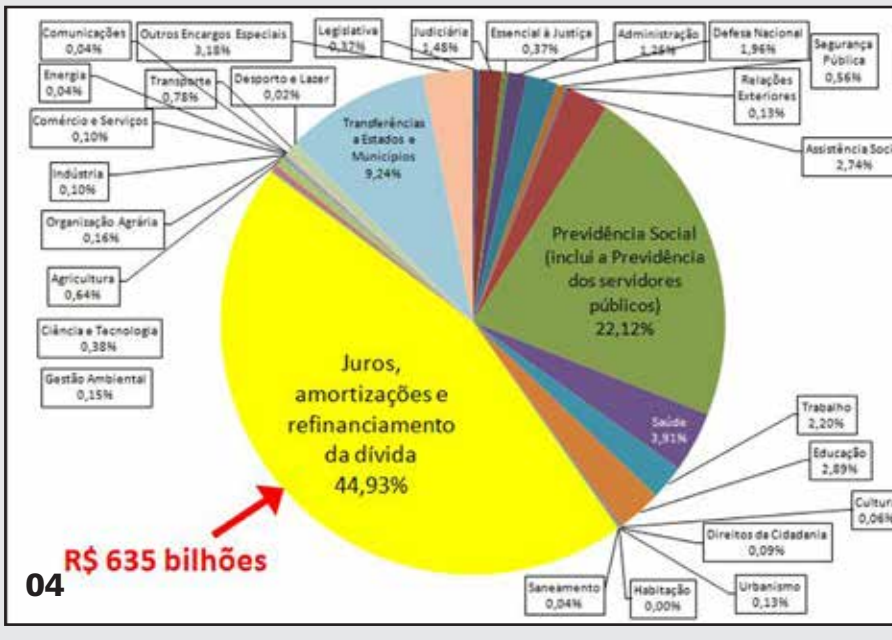


02





03



04

transformaram grande parte da Dívida Externa em Dívida Interna suculenta.

O governo Lula continua essa política e a aprofunda, multiplicando a Dívida Interna até chegar à espantosa soma de R$ 2.382.416.094.578,25 (2 trilhões, 382 bilhões, 416 milhões, 94 mil, 578 reais e 25 centavos), em valores de maio de 2011. Veja abaixo o quadro desta evolução (Ver quadro 02).

A composição do quadro de credores desta Dívida impagável e infame que sangra à exaustão o povo brasileiro esclarece muito quem são os vampiros desta dívida. Segundo informações do Banco Central os que se beneficiam são: (Ver quadro 03)

É por esta razão que o Orçamento Federal é organizado pelo Executivo e pelo Congresso Nacional da forma como se pode ver abaixo no quadro do Orçamento Geral da União/2010: (Orçamento Total de R$ 1,414 trilhão). Fonte: fonte (Ver quadro 04)

Portanto, se pode concluir facilmente de que existe dinheiro para resolver todos os problemas nacionais de Saúde e Educação, de Moradia e de Trabalho. Entretanto isso não é feito por causa da dominação imperialista sobre os recursos do país incluído aí seu Orçamento Federal. A submissão do governo e do Congresso Nacional aos interesses imperialistas e da burguesia nativa brasileira (sócia menor do capital internacional) são a causa da desgraça do sofrido povo trabalhador e da angústia da juventude.

Mas, o escândalo não para por aí. Ao mesmo tempo, o Banco Central mantém Reservas Internacionais (cuja única finalidade é "garantir" o pagamento da Dívida) no valor de US$ 353.023 milhões (Posição do BC em 26 de agosto de 2011), aplicadas em Títulos norte-americanos que pagam juros de 0,25% ao ano, ou seja, descontada a inflação que em junho de 2011 era de 3,59% ao ano, temos "juros negativos" (!), enquanto aqui se paga 13% a.a.. Assim, uma grande demonstração de "soberania nacional" é fazer o Brasil pagar para manter o financiamento da Dívida dos EUA! Pagamos 2,5% a.a. De juros para que eles guardem os dólares brasileiros!

Além disso, continuam as privatizações (Leilões de campos de petróleo, aeroportos, estradas, usinas hidrelétricas, Serviços Públicos na Saúde e Educação, terceirizações, etc, etc.). Lula assinou no último dia de governo uma MP que permite privatizar toda a Saúde através de "Fundações Públicas de Direito Privado" e de ditas "Organizações Sociais" (OS) s , assim como investimentos públicos para alimentar a indústria privada através do Plano Brasil Maior, de Parcerias Público Privadas, e inúmeras outras iniciativas. O investimento no chamado PAC, que nada mais é que um plano de transformação do Brasil em uma moderna plataforma de exportação agro-mineral que terá como consequência direta o aprofundamento ainda maior da subordinação da economia brasileira às necessidades imperialistas no mundo.

Uma bomba relógio está armada e se não for desarmada pela revolução socialista as próximas gerações pagarão muito caro por isso.

CRISE POLÍTICA NO GOVERNO E NOS PARTIDOS

O governo Dilma gastou o seu período de "Lua de Mel" (os seis primeiros meses) vivendo e alimentando uma crise após outra. Neste curto período três ministros foram derrubados por acusações de corrupção, entre eles o supostamente todo-poderoso Palocci. Já um quarto ministro foi demitido. Nada mais nada menos que o ministro da Defesa, Nelson Jobim, após protagonizar diversas cenas de humilhação da presidente e seu governo. Este aliás, é um caso extremo de demonstração da podridão que é a política de alianças com a burguesia. Ministro de Lula mantido por Dilma, Jobim, declara que havia votado em Serra. E mesmo assim o traidor (afinal era "aliado") é mantido no cargo. E para ser defenestrado ainda teria que insultar os petistas, os membros do governo e ridicularizar outros ministros. Sem esquecer que Jobim já havia ameaçado e chantageado Lula no governo ao exigir vetos em relação ao Plano Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH3). E Lula aceitou.

O fato é que as alianças com os partidos burgueses só podem alimentar estas situações. A burguesia em todo mundo é cada dia mais mafiosa e os Estados burgueses são cada vez mais organizações corruptas, violentas e bárbaras. Na medida em que a burguesia, por razões econômicas e políticas, é cada vez mais incapaz de governar com base em apoio das massas transforma as próprias democracias burguesas (onde existiram plenamente como na Europa e EUA) em simulacros cada vez mais bastardos, o processo de mafiossização dos estados burgueses se acelera em todo o mundo, e no Brasil não é diferente. A atual etapa da crise política do governo é apresentada pelos jornais como uma tentativa de "faxina". A própria Dilma, publicamente, nega a política de faxina. Mas não teve alternativa e, afinal, estes acontecimentos são uma acusação contra ela própria, que era a principal ministra do governo anterior (Casa Civil) e responsável pelo acompanhamento de todos os Ministérios.

> **O governo Dilma gastou o seu período de "Lua de Mel" (os seis primeiros meses) vivendo e alimentando uma crise após outra ...três ministros foram derrubados**

Só a ruptura do PT com os partidos burgueses e o Capital pode salvar o governo e o partido das consequências da decomposição social e política do Estado Burguês e do capitalismo.

A inesperada derrubada em série de ministros já no começo do governo é fruto direto da aproximação da crise econômica que se aprofunda nos EUA e na Europa. No final de 2010, a burguesia e seus arautos não se cansavam de anunciar que já se viam "os brotos verdes" do renascimento econômico na Europa e EUA. Mas, os marxistas que não se deixam iludir pelas aparências afirmavam, em dezembro de 2010: "É nesse quadro que o governo Dilma pode ter que se enfrentar com uma situação difícil se há um aprofundamento da crise na Europa e nos EUA, o que atingiria o Brasil agora já tendo utilizado quase todos os fundos que podia para evitar a chegada do tsunami. A "marolinha" passou por aqui deixando 2 milhões de desempregados e só a farta distribuição de dinheiro público e amplo endividamento permitiu sobreviver sem grandes solavancos sociais.

Hoje, a situação tem outros dados. A tendência é de queda no PIB no próximo ano e já se sente desde o meio de 2010 uma desaceleração da produção industrial brasileira e no crescimento do PIB. A balança comercial brasileira já se ressente da guerra comercial internacional, cujo comandante é os EUA, e já está sendo deficitária". (Esquerda Marxista)

O governo Dilma inicia o mandato se instalando como um "Governo de Austeridade" e exatamente como todos os governos europeus anuncia cortes no Orçamento aprovado no Congresso. E que obviamente se dirigem aos gastos sociais como Saúde e Educação, Previdência e Serviços Públicos em geral, sem tocar os valores para pagamento da Dívida Pública, empreiteiras e farras financeiras em geral.

>> Continua na próxima página...

Estadão

Dilma e FHC se encontram no Palácio dos Bandeirantes em São Paulo

De fato, a percepção de que não há mais muito fôlego para empurrar a crise mais à frente começa a deixar nervosos todos os "parceiros" burgueses do governo e seus chefes, os capitalistas. E a regra da escassez entre capitalistas é "Se a farinha é pouca, meu pirão primeiro". A disputa pelo butim se instala e as camarilhas mafiosas começam a se destroçar denunciando-se reciprocamente. E inclusive usando os instrumentos oficiais para isso, como a PF e suas diversas frações. Este processo vai continuar, inevitavelmente, se as atuais alianças permanecerem.

E como a oposição de direita, PSDB e DEM, são incapazes de apresentar uma política alternativa, pois o governo está realizando, do seu jeito, o programa que eles sempre defenderam, resta à imprensa burguesa fazer escândalo denunciando a corrupção, ou a hesitação, ou a fraqueza do governo em aplicar o seu programa comum. Hoje, os grandes jornais burgueses como O Estado de SP, a Folha, o Globo, e as revistas Veja, Isto É, etc., são os verdadeiros partidos políticos da burguesia no Brasil. São eles que combatem e ao mesmo tempo tentam disciplinar o governo.

Fruto desta crise de representação da burguesia surge, também, o novo PSD, anunciado por Kassab, e que tem no seu interior desde já o grupo de Jorge Bornhausenn , inclusive seu filho deputado federal, o governador de SC, mas também tem gente do governador "aliado" de PE, Eduardo Campos, além de outros tipos vindos de diferentes partidos burgueses. Este partido, que se constitui como dissidência do PFL/DEM, mas é mais do que isso, tem também em sua cúpula Kátia Abreu, a latifundiária presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), organização patronal que orienta e organiza o combate contra a Reforma Agrária e o Movimento dos Sem Terra com todas as dolorosas consequências que se conhece. Este partido que surge envolto em fraudes eleitorais transita para se acoplar na "base aliada" do governo federal com apoio de dirigentes petistas e de Dilma. Dilma Roussef recebeu uma comitiva liderada por Kassab, no Palácio presidencial, para um "café da manhã" e lhes pediu "apoio no enfrentamento da crise internacional". Ou seja, apoio às medidas econômicas e sociais do governo.

Na extraordinária crise de representação que sofre hoje a burguesia e em seu esforço por constituir um partido que tenha verdadeiras raízes sociais se inserem as iniciativas de FHC declarando defender uma "revisão profunda da estratégia do PSDB e da oposição para voltar ao poder" e que "enquanto o PSDB e seus aliados persistirem em disputar com o PT influência sobre os "movimentos sociais" ou o "povão", isto é, sobre as massas carentes e pouco informadas, falarão sozinhos". O que ele está aqui dizendo é que a oposição deve tentar encontrar uma política que expresse as aspirações das classes médias junto com a burguesia. O que será uma dificuldade real para quem defende a política econômica capitalista no mundo de hoje, mas pode se tornar possível com o fracasso do PT. O objetivo de FHC é "cercar" o PT através das classes médias (pequena-burguesia) e depois promover seu progressivo estrangulamento político. É neste sentido que ele se dispõe a uma "política de frente única" declarando que é possível uma "convergência, mas sem adesão" ao governo de Dilma Rousseff.

Ele avaliou que o apoio ao Executivo *"depende um pouco da atitude do próprio governo, de querer realmente fazer a faxina"*(O Estado de S. Paulo, 30/08/2011). E Aécio Neves acrescenta: *"Falta ao governo, na minha avaliação, a coragem necessária para chamar as oposições e acertar conosco um pacto de governabilidade que impeça que aqueles que querem se locupletar, aqueles que queiram se aproveitar do Estado para objetivos menos nobres tenham o status que estão tendo hoje"*. (OESP, 30/08/2011)

O caminho necessário para enfrentar a crise, do ponto de vista dos trabalhadores, é exatamente o caminho inverso. Nenhuma "união nacional", ruptura com o capital. Luta de classes para vencer o inimigo. E isto exige do PT a ruptura com o imperialismo, a burguesia nativa e seus partidos, com a política de colaboração de classe, expulsão dos ministros capitalistas do governo e a constituição de um governo socialista dos trabalhadores, apoiado na CUT, no MST e nas organizações populares. Esta é a única saída para poder tomar medidas de defesa das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora e abrir caminho para o fim do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção, organizando coletiva, democrática e planificadamente o controle da economia e da sociedade em direção ao socialismo.

A POLÍTICA DE COLABORAÇÃO DE CLASSES COMEÇA A ENCONTRAR DIFICULDADES E AUMENTA A PRESSÃO DA CLASSE TRABALHADORA

Ao contrário do Governo Lula que viveu uma época de crescimento econômico internacional, de injeção maciça de investimentos estrangeiros e tinha fôlego bancário

>> Continua na próxima página...

interno para alimentar uma bolha de crédito, o governo Dilma inicia sob a bandeira da austeridade e começa a se chocar com sua própria base operária.

Lula fez todas as gentilezas possíveis ao capital nacional e internacional e segundo o próprio "eles nunca ganharam tanto dinheiro na sua vida". Lula vetou o fim do Fator Previdenciário, privatizou petróleo, estradas, usinas hidrelétricas, serviços públicos e muito mais. Entretanto, exceto pela Reforma da Previdência dos Servidores, em 2003, não teve necessidade de promover ataques diretos contra a classe trabalhadora como congelamento de salários, aumento da idade de aposentadoria, e outros que são anunciados pelo governo Dilma. Mesmo a Reforma da Previdência de 2003 ficou no papel até o momento. É isso que explica o choque que começa a se delinear no movimento operário, na CUT e nos sindicatos, com o governo Dilma.

A diferença entre Lula e Dilma não é só de situação econômica global e brasileira em particular. O fato de que Lula seja o principal líder operário do Brasil e fundador do PT e da CUT, contrasta com o significado de Dilma e sua trajetória vinda de um partido burgues, o PDT, e apenas nos últimos anos tendo se filiado ao PT. Isso tem implicações na pouca capacidade de Dilma de conter o movimento operário. Dilma literalmente depende da sustentação que lhe dão o PT e a CUT. Não era exatamente o caso de Lula que tinha uma capacidade de relacionar-se diretamente com as massas devido a sua história e, portanto tinha uma relativa independência. Lula anunciava o que decidia e as cúpulas sindicais o seguiam sem murmúrio. Com Dilma já não é assim.

A Declaração da Esquerda Marxista para as Plenárias da CUT esclarece esta situação ao constatar a decisão inédita da CUT de recusar o Plano Brasil Maior. A Declaração cita a Nota da CUT: "A CUT condena mérito e método do Plano Brasil Maior"

"A Direção Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), reunida em São Paulo nos dia 02 e 03 de agosto de 2011, manifesta sua posição política contrária à implementação do "Plano Brasil Maior", anunciado pelo Governo Federal no dia 2 de agosto de 2011". E mais a frente: *"A CUT também se posiciona contrária ao método adotado sistematicamente pelo Governo Federal de não ouvir e de desconsiderar as propostas dos trabalhadores, atendendo apenas a pauta dos empresários dos setores industriais. Essa postura contrária ao diálogo social e à negociação coletiva se verifica na proposta do Plano Brasil Maior, nas propostas sobre qualificação profissional (PRONATEC), sobre a privatização da infraestrutura brasileira e também quanto às reivindicações dos servidores públicos federais".* (Resolução da CUT).

A Declaração da Esquerda Marxista continua: *"A Corrente Sindical Esquerda Marxista saúda esta posição da CUT contra o Plano Brasil Maior. É muito importante e positivo por parte da Direção Nacional da CUT. Agora, é preciso passar das palavras à ação de organização e mobilização dos trabalhadores desde a base.*

Esta é a única forma coerente de defender nossas reivindicações e combater este Plano de doação de bilhões de dinheiro público para salvamento dos capitalistas da crise que eles mesmos criaram. Dinheiro este que é recusado para Educação, Saúde, Trabalho, Terra e Moradia.

Um dos principais pontos do "Plano" é a "desoneração" da Folha de pagamento das empresas.

A Esquerda Marxista entende que a posição da CUT contra a desoneração da folha e contra o plano é correta. As medidas tomadas, isenção do IPI aos empresários das automobilísticas e desoneração da folha, gerarão um rombo de aproximadamente 45 bilhões de reais que serão jogados nas costas dos trabalhadores e do povo pobre, via aumento de outros impostos indiretos.

O governo quer jogar os custos da crise, que se aprofunda na Europa e nos EUA, nas costas dos trabalhadores. Recusou conceder reajuste para o salário mínimo acima da inflação. Retoma as privatizações nos portos, aeroportos, hidrelétricas, estradas, nos serviços públicos e outras. As desapropriações de terra para Reforma Agrária voltaram ao ritmo do governo FHC. Agora quer desonerar a folha e aumentar impostos indiretos. E nada acerca daquilo que a CUT pediu: redução da jornada para 40h, fim do fator previdenciário. O piso nacional do magistério continua sendo ignorado". (Declaração da Esquerda Marxista)

Dinho

Manifestação da CUT em frente da Catedral da Sé

Corretamente a Declaração põe o dedo na ferida: *"E porque Dilma segue neste percurso, depois de ter sido eleita com o apoio dos trabalhadores? Porque no seu governo a chamada "base aliada" pesa muito mais que os trabalhadores. A burguesia, os patrões, os "velhos políticos" é que dão o tom e a pauta de verdade e não o PT, a CUT ou os trabalhadores.*

Só nossa luta, nossa mobilização pode impor nossas reivindicações. No "tapetão" o governo não vai nos ouvir e os empresários vão ganhar sempre.

Nenhuma "câmara" setorial, nenhuma mesa "tripartite" vai atender as necessidades dos trabalhadores. Só servirá para frear e confundir o movimento dos trabalhadores. Em vez de explicar a situação para os trabalhadores e mobilizar massivamente todas as energias da CUT se voltam para um falso diálogo com empresários e governantes.

Estas Mesas ou Conselhos "tripartites" não são mesas de negociação onde apresentamos nossas reivindicações e se não nos atendem vamos à luta. São simplesmente órgãos de colaboração de classes onde os dirigentes dos trabalhadores são pressionados para 'encontrar soluções comuns a todos'. Só que isso não existe. Patrões sempre exploram e os trabalhadores conscientes lutam contra isso".

>> Continua na próxima página...

A Esquerda Marxista explica fraternalmente aos trabalhadores que "Pedir ao governo para que institua um órgão de colaboração de classes não vai mudar nada para a classe trabalhadora. E, diferente dos últimos anos, agora com a crise chegando aqui mais forte eles não tem nada a oferecer. Ao contrário o governo se prepara para atacar e retirar direitos e conquistas".

Na atual situação econômica nenhuma das "contrapartidas sociais" pedidas pela CUT ao governo vai ou pode ser atendida.

A Esquerda Marxista atua com uma política de Frente Única e por isso apóia o passo positivo que é a CUT recusar este Plano. Mas, faz a crítica fraterna porém firme e forte das ilusões mortais que provem da política de "tripartismo" defendida pela maioria da Direção da CUT. Nesta situação nós colocamos o acento na necessidade de romper a política de colaboração de classes levada pela direção do PT e da CUT e de tomar o rumo da luta e da mobilização da classe trabalhadora.

Na Europa a chave da situação encontra-se nas mãos dos dirigentes sindicais. No Brasil podemos afirmar que se encontra nas mãos do PT e da CUT. Por isso politicamente levantamos bem alto, nas organizações de massa e nas ruas, a exigência que o PT rompa com a burguesia e o imperialismo demitindo todos os partidos capitalistas dos ministérios e faça um governo apoiado na CUT, no MST e nas organizações populares.

> **A Esquerda Marxista atua com uma política de Frente Única e por isso apoia o passo positivo que é a CUT recusar o Plano Brasil Maior do governo Dilma**

E frente ao argumento de que isso não pode ser feito porque o PT não tem maioria no Congresso Nacional replicamos que existe um caminho para dobrar este Congresso Nacional reacionário, ou para varrê-lo do caminho, que é convocar uma verdadeira Assembleia Constituinte Soberana, que represente de verdade o povo e realize suas aspirações mais sentidas. Nesta linha levantamos as bandeiras (Ver Boxe).

O PT NA CONTRAMÃO. É HORA DE VIRAR A ESQUERDA E REATAR COM O SOCIALISMO

A mudança de tom e subida de temperatura da CUT com o governo é visível e aparece também na Nota da CUT em defesa da Fasubra: *"A Direção Executiva Nacional da Central Única dos Trabalhadores – CUT reunida em São Paulo, nos dias 02 e 03 de Agosto de 2011, manifesta sua posição política contrária à forma autoritária e anti-sindical como o Governo vem tratando os conflitos com os servidores Técnicos Administrativos das Universidades, organizados na Federação dos Trabalhadores Técnicos Administrativos das Universidades – FASUBRA".*

Isso significa que a pressão e a desilusão no governo começam a se fazer sentir e a tomar forma. O fato de que Dilma apareça em pesquisas com 48% de apoio significa de fato uma erosão do apoio majoritário que tinha e que a população começa a sentir que as coisas não vão bem. Entramos em uma época que não é favorável ao reformismo e aos reformistas em geral. É isto que aparece nas pesquisas e na CUT, contrastando com a adesão incondicional da direção nacional do PT ao governo.

Se a CUT endurece o tom mesmo sem abandonar sua política de colaboração de classes e se contorce para tentar arranjar um tripartismo qualquer e alguma concessão que lhe permita seguir com esta linha, no PT isso já não acontece. Aí a adesão é total e o apoio à política e às medidas do governo conduz cada vez mais à direita e, portanto, a um impasse no momento em que a situação econômica mudar.

Exige a CUT: *"Criação de um espaço de reuniões, de discussão e negociação sobre o setor industrial brasileiro, com a participação de trabalhadores, empresários e governo, de forma paritária e contemplando todos os setores envolvidos.*

Exigimos a inclusão de contrapartidas sociais e trabalhistas em todas as decisões de investimento de todos os bancos e fundos públicos, situando a Política Industrial em um conjunto de políticas de Estado que devem incluir: obriga-

>> Continua na próxima página...

NOSSAS BANDEIRAS

1) 40h semanais de trabalho. Contrato Nacional de Trabalho.

2) Fim do fator previdenciário, revogação das reformas da previdência (EC 20 e 41)

3) Contra o Plano Brasil Maior: Não à desoneração da folha de pagamentos, nenhuma exoneração fiscal.

4) Não à privatização dos portos e aeroportos, reestatização do que foi privatizado (Vale, setor elétrico, telefonia, serviços públicos).

5) Fim dos leilões de petróleo, volta do monopólio estatal, Petrobras 100% estatal.

6) Educação e Saúde Pública e Gratuita para todos.

7) Reforma Agrária sobre controle dos trabalhadores.

8) Estatização do Sistema Financeiro, controle do câmbio e monopólio do comércio exterior.

9) Ruptura com os organismos imperialistas internacionais (FMI, Banco Mundial, OMC, ONU)

10) Não Pagamento da Dívida Interna e Externa!

11) Governo Socialista dos Trabalhadores, sem ministros capitalistas!

Internet

Operários em greve paralisam obra no Maracanã

toriedade de aumento do emprego formal, não precário;

Descredenciamento de empresas que não se comprometam com o conteúdo nacional na produção e exigir das empresas que vem se instalar aqui, a transferência de tecnologia; fim da rotatividade como forma de diminuir custos das empresas através da demissão sem justa causa de trabalhadores e a contratação de outros trabalhadores com salários menores; fortalecimento da negociação coletiva e respeito às entidades sindicais representativas, ou seja, não dá para emprestar dinheiro barato as empresas ou diminuir seus custos, e continuar assistindo a demissão de dirigentes sindicais, a falta de diálogo e de negociação coletiva, a utilização da Justiça do Trabalho como forma de resolver os conflitos trabalhistas, usando de instrumentos como o interdito proibitório, multas, judicialização das greves etc. Também deve ser exigida como contrapartida a implementação das comissões sindicais a partir do local de trabalho para diminuir os quase três milhões de novos processos trabalhistas que a cada ano se avolumam na Justiça do Trabalho por não cumprimento por parte dos empregadores das leis trabalhistas e das convenções coletivas".

A CUT nesse momento, mesmo com ilusões e uma política de colaboração de classe, caminha para um choque com o governo. Esta situação poderá abrir caminhos por onde as massas irromperão na cena política com suas próprias bandeiras e métodos.

Já a direção do PT caminha claramente em outra direção e tende a se chocar com o movimento sindical de classe. A última Resolução Política adotada pelo DNPT, em 05/08/2011, afirma: *"Um dos desafios (do governo, nota nossa) foi controlar a inflação sem promover recessão. Ou seja, nada de cortar empregos, nem de reduzir gastos sociais ou tampouco deter o processo de desenvolvimento econômico sustentável"*. E mais a frente continua louvando o governo: *"A inflação está controlada e a economia continua a crescer e gerar empregos. Nossas políticas sociais continuam fortes e inovadoras, como é o caso do Plano Brasil sem Miséria. Permanece como desafio nesse contexto a redução da taxa de juros e da margem de lucro dos bancos, necessária à ampliação das condições de financiamento do Estado e das políticas voltadas a fortalecer o atual projeto de desenvolvimento, e medidas cambiais ajustadas às necessidades de nosso desenvolvimento, que as últimas medidas adotadas pelo governo procuram dar conta"*. Obviamente que a Direção Nacional do PT toma seus desejos pela realidade. Isto em política é mortal, em longo prazo.

Aprofundando seu afastamento do movimento operário a DN PT adota, no mesmo dia em que a CUT adotava a Resolução acima descrita, a seguinte posição: *"O PT considera fundamental, para impulsionar o crescimento e o fortalecimento da indústria nacional, o lançamento do Plano Brasil Maior que pretende realizar em dois anos investimentos da ordem de 500 bilhões por parte do BNDS até 2014. Será fundamental que o Plano contribua para agregar valor à produção das empresas brasileiras, gerar empregos, bem como assegurar o respeito aos direitos e conquistas dos trabalhadores no país"*.

Esta posição só pode contribuir para afastar ainda mais o movimento sindical e popular do partido e preparar um choque entre a direção do PT e estes movimentos. Mas, a direção do PT vê outra coisa, usa outros óculos e enxerga um mundo que não existe. O seguinte trecho da Resolução é impressionante no sentido de querer que a realidade seja o que ela deseja. Diz: *"Ressalte-se o sucesso no esforço de construção de uma agenda comum para a reforma política com participação popular e para o debate sobre o novo Código Florestal, em que a definição de pontos consensuais entre Governo, PT e Movimentos Sociais incidiu positivamente nas conquistas obtidas e nos embates mais duros"*. Ora, na questão do Código Florestal, por exemplo, o PT ou o governo dificilmente encontrarão alguém nos movimentos sociais que tenha saído contente com o governo e o PT desta batalha. Pelo contrário, pode-se dizer que neste episódio o governo saiu "torrado" com as organizações populares.

Não há de fato uma só linha positiva na Resolução da DN PT. Nada em que o movimento possa se apoiar, ao contrário, sua linha geral é de choque com as aspirações e reivindicações populares, democráticas e antiimperialistas do povo trabalhador brasileiro. É isto que se expressa na reafirmação e ampliação da política de alianças que leva dirigentes a buscar um acordo até mesmo com o PSD de Kassab, ou seja, quase sem limites a direita. É um caminho de destruição do partido como partido de classe, mesmo como partido reformista de massas.

>> Continua na próxima página...

PERSPECTIVAS

Como marxistas já explicamos que a crise internacional continuava e que chegaria ao Brasil. E o fizemos porque tínhamos as condições de entender suas verdadeiras causas e agora podem afirmar que, as perspectivas são de que "a bicicleta brasileira" vá se tornando cada vez mais difícil de pedalar. Isto não significa evidentemente que o Brasil vá afundar nos próximos meses. Isto não é o mais provável, mas é ao mesmo tempo inevitável nos próximos anos.

O governo sabe disso apesar de oficialmente propagar a idéia de um "Brasil blindado" que não existe. A demonstração é o anúncio, em 29/08/2011, de novo arrocho para ampliar o Superavit Primário. O jornal O Globo descreve o anúncio: *"O governo brasileiro decidiu apertar os cintos dos gastos públicos para enfrentar os efeitos da crise internacional sobre a economia do país. O ministro Guido Mantega anunciou que, ainda para este ano, haverá uma economia extra de R$ 10 bilhões nos gastos públicos. Para tanto, a meta de superávit primário (economia que o governo faz para pagar os juros da dívida) em 2011 vai aumentar de R$ 117,8 bilhões para R$ 127,8 bilhões. Em relação ao PIB (Produto Interno Bruto), é um acréscimo entre 0,2 e 0,3 ponto percentual, com a nova meta ficando 3,2% a 3,3% do PIB.*

Estamos nos precavendo quanto ao possível agravamento desse cenário (de crise) para impedir que o Brasil tenha o mesmo destino dos países afetados. Justificou Mantega ao anunciar a nova meta de economia". (O Globo, 30/08/2011).

E isto vem depois do corte de R$50 bilhões no Orçamento Federal (principalmente nas áreas sociais) e do anúncio de cerca de R$95 bilhões em renuncia fiscal e financiamentos empresariais privados através do Plano Brasil Maior. Alias, as "desonerações" em favor dos empresários só vem aumentando: 5 bilhões para ajudar o plano de Banda Larga para as Cias. Telefônicas; 4 bilhões para os usineiros, para aumentar a produção de álcool; e os cortes continuam: 10 bilhões a mais de "superávit primário" anunciados por Dilma e Mantega em reunião com as Centrais sindicais dia 29/08/2011. Uma autêntica política de tirar dos pobres para dar aos ricos.

Estas medidas vêm logo depois das previsões de queda no crescimento do PIB para 3,79% e de uma inflação anual de 6,3% nos últimos 12 meses. Tudo indica a chegada dos ventos da crise e a ampliação da dificuldade de "pedalar a bicicleta brasileira".

O aprofundamento da crise atingindo EUA e Europa vai ter consequências graves nas exportações chinesas e, portanto, nas compras de matérias-primas que a China realiza no Brasil e Argentina. Assim como as vendas de manufaturados brasileiros vão ser atingidas de forma geral as exportações brasileiras para a Argentina serão duramente afetadas, em particular. Isto prenuncia crise, desemprego, arrocho, e mais destruição de Serviços Públicos. Destruição de Forças Produtivas em geral. Serão tempos duros para o movimento operário e difícil, muito difícil para os reformistas que se acostumaram a vender ilusões e espalhar imobilismo anunciando que o capitalismo podia ser domesticado e ter face humana.

Este será o resultado de ter governado para o capital e adotar planos como o PAC e agora o Plano Brasil Maior que se dedicam a transformar o Brasil numa moderna plataforma de exportação agro-mineral e que pretendem superar as crises do capitalismo doando dinheiro público e impostos aos capitalistas.

É por toda esta complexa situação que não existem neste momento no Brasil grandes mobilizações populares apesar de que continuam a existir as grandes aspirações populares que não foram, nenhuma delas, resolvidas. A grande maioria dos sindicatos conquistou nos últimos anos reajustes salariais acima da inflação, assim como ocorreu com o Salário Mínimo.

Bilhões foram injetados através das políticas compensatórias, como o Bolsa Família, para evitar o perigo de explosão social num país em que a desigualdade continua se acentuando. O crescimento econômico e a política de colaboração de classes da Direção do PT e da CUT garantiram a paz social dos últimos anos.

Explosões como a de Jirau são casos isolados, mas prenunciam a força do que vai ocorrer quando a crise econômica deixar o rei nu e os reformistas sem armas na mão.

De toda forma, se o governo e os capitalistas ainda têm algum tempo, eles, entretanto, já anunciaram seus Planos de cortes de gastos, congelamento de salários dos servidores públicos, orientação ao Congresso para "não gastar" e pedido aos empresários para que não aumentem os salários, pois "causa inflação",

>> Continua na próxima página...

Internet

Trabalhadores na mobilização de 6 de julho na Praça da Sé

ampliação das privatizações e farta distribuição de dinheiro público aos empresários via BNDES. Eles se preparam.

O movimento sindical deve também se preparar para um endurecimento nas negociações salariais, para um aumento da repressão e da criminalização dos movimentos sociais, em especial nos sindicatos.

É pelo movimento sindical que vai passar a primeira fase de choques e crescimento de mobilizações, mesmo que no início tenham apenas caráter econômico, mas que logo, em uma segunda fase, adquirirão um caráter político ao enfrentar-se com o Estado, o Comitê Central dos negócios da burguesia, segundo Engels. O início desse choque se mostrou na greve dos bombeiros do RJ, continua nas greves de servidores das universidades federais e dos professores em MG, nas manifestações de servidores, inclusive de Policiais Militares no RS. A temperatura está aumentando, embora ainda não tenha chegado aos batalhões pesados da classe operária.

Isso vai provocar choques e realinhamentos no interior dos sindicatos. O anúncio do aumento do Superávit Primário, cujo significado é arrocho e cortes, foi respondido pelo presidente da CUT, Artur Henrique, secamente: *"A CUT é contra o aumento do superávit e a favor da queda da taxa de juros."* Já Paulinho, da Força Sindical diz que: *"Vamos dar um crédito de confiança, mas os juros precisam cair"*.(O Globo, 30/08/2011). A principal tarefa dos marxistas é explicar, explicar e explicar esta situação e apontar as saídas para defender direitos, conquistas e reivindicações assim como a saída política de ruptura com a burguesia e combate pelo socialismo.

O Comitê Central ressalta também a situação dos estudantes e da juventude em geral. Embora ainda não estejam acontecendo choques no Brasil, é na juventude que sempre vibra primeiro o diapasão da revolução.

O exemplo que vem dos países árabes, da Grécia, Espanha, do Chile, vai ser repetido no Brasil. Não é de graça que as direções mais ligadas ao governo (PT e PCdoB) vêm perdendo postos nos sindicatos estudantis para direções "à esquerda", apesar do sectarismo, divisionismo e dos erros que cometem estas seitas. Mesmo o Congresso da UNE, que é hoje a reunião de uma fantástica fraude, evidenciou este enfraquecimento das direções oficiais.

Uma atenção especial a juventude deve ser tarefa de todas as células e comitês da Esquerda Marxista sob as bandeiras de Educação Pública e Gratuita para todos, solidariedade com a luta dos trabalhadores de todo o mundo e luta pelo socialismo.

Estas são as perspectivas. É para elas que é preciso preparar-se. A Esquerda Marxista convoca todos seus militantes a encarar seriamente esta situação preparando-se politicamente, aprofundando sua própria formação política marxista, engajando-se a fundo na luta de classes, organizando e mobilizando os trabalhadores, e a juventude em especial, através das suas organizações de massa. Mas, acima de tudo, explicar pacientemente para os trabalhadores e a juventude o caráter da atual etapa do capitalismo, seu caráter decomposto e seu futuro rumo à barbárie assim como o caminho que é preciso construir para terminar com o regime da propriedade privada dos grandes meios de produção e abrir o caminho para uma economia planificada e democraticamente controlada pela classe trabalhadora, o socialismo.

Esta explicação paciente da situação política, do significado dos obstáculos, junto com a luta pelas reivindicações, em defesa dos direitos e das conquistas da classe trabalhadora e da juventude, com a luta pela ruptura com a burguesia e por um governo socialista dos trabalhadores, é que forjará os militantes e dirigentes das futuras etapas da luta de classes.

Bombeiros em greve no Rio de Janeiro

CUT: construindo um plano de lutas pelas reivindicações

Faustão
severinonascimento@gmail.com

A CUT sem sombra de duvidas é um poderoso instrumento de defesa e luta das reivindicações da classe operária. Ao longo dos seus vinte e oito anos de existência nossa central esteve presente em vários momentos importantes da história da classe operária do País. Isso lhe conferiu enorme audiência e autoridade junto aos trabalhadores e isso coloca para sua direção enorme responsabilidade para exigir da presidente Dilma, que ele atenda as reivindicações da classe trabalhadora. Afinal das contas os trabalhadores e a Central foram os grandes responsáveis para a sua eleição.

A CUT não nasceu para ser correia de transmissão e nem para se ligar ao aparelho de Estado e por isso estamos de acordo com a Executiva Nacional da CUT quando afirma que no governo: *"persiste o discurso de solução para a crise baseada na política neoliberal que a gerou, buscando-se a redução da relação dívida/PIB com políticas recessivas e aperto fiscal, reduzindo a capacidade de planejamento e ação dos Estados. Na esteira da redução dos gastos públicos vem a pressão pelas reformas previdenciária e trabalhista para retirar direitos e desregulamentar as relações de trabalho, com arrocho salarial e diminuição dos investimentos em políticas públicas"*.

A resposta que a classe trabalhadora pode e deve dar à crise e aos ataques contra ela dirigidos, foi o tema principal nos debates realizados nas Plenárias Estaduais Estatutárias de agosto na preparação da Plenária Estatutária Nacional. A desoneração da folha, o Plano Brasil Maior, a contenção de despesas, os cortes no orçamento da União, a política de arrocho para salvar o capitalismo em crise não serve aos trabalhadores. A Plenária Nacional da CUT deve de fato elaborar um plano de lutas que organize a classe na direção da Greve Geral.

Mais uma vez citamos a resolução da Executiva da Central: *"Crise econômica não se combate com ajuste fiscal (sem qualquer mudança da estrutura tributária regressiva e injusta), privilégios à especulação, recessão e criminalização dos salários"*. Sim isso é verdade, mas há que passar das palavras para a ação, pois como a CUT identificou corretamente que: *"(...) na contramão, a política macroeconômica brasileira mantém as altas taxas de juros, o câmbio valorizado, com implementação de cortes nos gastos públicos e elevação do superávit primário. E tenta transformar o salário em vilão da inflação"*. Mas quem é responsável pela aplicação dessa política é o governo de coalizão com a burguesia que tem à sua frente a presidente Dilma?

Manifestação da CUT em defesa dos direitos

Passa a ser crucial para o movimento dos trabalhadores, e, portanto para Plenária Nacional da CUT, responder às perguntas: é possível a direção da qualquer avanço no governo Dilma se ela continuar tendo sua base de apoio sustentada pela burguesia e seus partidos? Ou se é possível aos trabalhadores avançarem em suas conquistas e se defenderem da crise se eles se juntam e se coligam com aos patrões e seus partidos, coligando, por exemplo, a CUT à FIESP, ou se subordinam a CUT ao governo? Qualquer trabalhador negará estas possibilidades.

Os trabalhadores sabem que, mais do que nunca, é necessário um plano de lutas no qual eles possam se apoiar para se protegerem dos ataques que o governo e os patrões estão lançando sobre suas cabeças.

Estamos com a CUT quando ela diz: *"A CUT conclama o conjunto de sua militância a ampliar e fortalecer as campanhas em curso, como as greves dos/as trabalhadores/as da educação. Nesta quinta-feira, 15 de setembro, completa-se 100 dias de greve liderada pelo Sind-Ute contra a truculência do governo tucano Anastasia-Aécio de Minas Gerais. A CUT convoca suas entidades e todas as categorias a apoiarem a greve do Sind-Ute com mobilizações e solidariedade.*

A CUT continuará a apoiar a greve da Fasubra e as lutas em curso dos/as servidores federais contra o arrocho imposto pela redução dos investimentos públicos, à greve dos/as trabalhadores/as dos Correios lideradas pela Fentect, às campanhas salariais dos/as bancários/as, dos/as petroleiros/as e dos/as químicos/as, entre outras.

A CUT convoca sua militância a mobilizar caravanas de Norte a Sul do país para participar ativamente do dia 26 de setembro, Dia de Mobilização pela aplicação do Piso Nacional dos trabalhadores em educação em conjunto com a CNTE. E nos dias 27 e 28 no movimento Primavera na Saúde.

Realizaremos, ao final da 13ª Plenária da CUT, em Guarulhos, no dia 7 de outubro, um ato publico pelo Trabalho Decente, pela redução da jornada de trabalho sem redução de salários"!

Sim, não somos contra essas medidas, mas não tenhamos ilusões. Para derrotar os patrões e o imperialismo será necessário que o movimento vá muito mais além destas jornadas. Que a direção da CUT prepare um plano de mobilizações para impor as reinvindicações, que poderia começar pela exigência da implantação do gatilho salarial para proteger os salários contra a alta da inflação.

** Faustão é da Direção Nacional da CUT e militante da Esquerda Marxista.*

Assine o Jornal Luta de Classes

A Esquerda Marxista, nos meses de setembro e outubro realiza campanha de assinaturas do Jornal Luta de Classes. Estamos convidando os militantes, colaboradores e simpatizantes, leitores e ex-assinantes para ajudarem na manutenção da imprensa operária. Faça sua assinatura por R$ 48,00, 12 edições.

A formação de uma rede de colaboradores assinantes é fundamental para que nossa imprensa seja um instrumento independente, que expresse teórica e politicamente o programa marxista.

O jornal é um instrumento extremamente útil para elevar a consciência dos jovens e trabalhadores, ligando-os desde os diferentes estados para coletivamente lutar pela edificação o socialismo.

Vem aí a Campanha Financeira da Esquerda Marxista

Será lançado em outubro o calendário *As Massas Entram em Cena*, trata-se de um calendário de parede para 2012. Cada mês terá como tema grandes mobilizações do último período: a Revolução Árabe, as mobilizações na Europa, a greve geral e a ocupação do Capitólio (Assembleia Legislativa) do Estado de Wisconsin nos EUA, a revolução que prossegue na Venezuela, os trabalhadores chineses que, mesmo com a perseguição policial e política, têm erguido a cabeça e lutado contra a situação de superexploração que são submetidos pelas multinacionais, a luta dos estudantes chilenos por uma educação pública e gratuita para todos, entre outros temas.

Cada mês do calendário contará com uma bela foto sobre estas mobilizações e será vendido através de nossos militantes e também na Livraria Marxista: www.livrariamarxista.com.br

Egito: mobilizações na Praça Tahir

Manifestantes nas ruas de Paris protestam contra a crise. No cartaz lemos: "Ouçam a cólera do povo!"